

Iniciação cristã na Igreja Antiga

Luis Carlos de Lima Pacheco¹

Resumo

Os sacramentos de iniciação cristã são o batismo, a crisma e a eucaristia. Esses sacramentos aparecem, desde cedo, nos testemunhos cristãos e desempenham um papel central no rito e na vivência da fé. Esse estudo recorre às fontes da vida cristã para beber do sentido original desses sacramentos. Através da análise dos ritos de iniciação cristã de algumas tradições da Igreja Antiga, vemos emergir a estrutura teológica dos sacramentos de iniciação cristã. Para isso recorreremos aos testemunhos de Tertuliano de Cartago, às Catequeses Mistagógicas de Cirilo de Jerusalém, e às catequeses mistagógicas de Ambrósio de Milão. O estudo dos símbolos e gestos litúrgicos visa a reconhecer como se realiza a relação original entre os sacramentos e a realidade que eles expressam. Os elementos colhidos na pesquisa dessas fontes cristãs abrem perspectivas para a catequese e a liturgia atuais. Faz-se urgente uma catequese mistagógica que ajude o homem do século XXI a reconhecer, na vivência sacramental, a figura de Cristo como o sentido último de sua existência.

Palavras-chave: teologia sacramental; batismo; crisma; eucaristia; patrística

Christian initiation in the Ancient Church

Abstract

The sacraments of Christian initiation are Baptism, Confirmation and Eucharist. These sacraments appear early in Christian witness and play a central role in ritual and living faith. This study draws on the sources of the Christian life to drink from the original meaning of these sacraments. Through analysis of the initiation rites of some Christian traditions of the early Church we see emerging the theological framework of the sacraments of Christian initiation. We refer to the testimonies of Tertullian from Carthage, to Mystagogical Catechesis of Cyril of Jerusalem, and the mystagogical catechesis of Ambrose of Milan. The study of liturgical symbols and gesture aims to recognize how to realize the original relationship between the sacraments and the reality that they express. The items collected in these sources offer prospects for Christian catechesis and liturgy today. Is urgent a mystagogical catechesis which helps the twenty-first century

¹ Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco

man to recognize in the sacramental life the figure of Christ as the ultimate meaning of his existence.

Key words: sacramental theology; baptism; confirmation; eucharist; patristic

1 Iniciação cristã na tradição de Tertuliano

Tertuliano de Cartago nos oferece o mais antigo tratado sobre a iniciação cristã em sua obra *De Baptismo*, escrita entre os anos 198-205. É um escrito dogmático-polêmico destinado à formação dos “neófitos” da Igreja de Cartago em resposta à heresia dos “cainitas”, uma seita gnóstica de seu tempo que tentava valorizar personagens do Antigo Testamento como Caim, daí o nome “cainitas”. Uma mulher que os representava em Cartago se infiltrou na Igreja e exerceu alguma influência junto aos católicos. Tertuliano combate essa seita, sobretudo porque rejeita o batismo, ou o uso da água no batismo. Para Tertuliano, o batismo é a única via de acesso à salvação. É o seu argumento ao citar Jo 3,5: “Se alguém não renascer da água e do Espírito Santo, não entrará no reino dos céus” (*De Baptismo* 13,3).

Um problema pastoral do século II-III motivou Tertuliano a redigir esta obra para a formação dos fiéis de Cartago. A obra que chegou até nós é de grande atualidade. É uma reflexão teológica que nasce de um apelo pastoral. Possibilita conhecer como a Igreja do norte da África vivenciou e entendeu os sacramentos de iniciação cristã na sua origem. O texto de Tertuliano permite-nos ver como a Igreja de Cartago vivenciava ritualmente a entrada do “eleito” na comunidade cristã através dos símbolos sacramentais.

Para trazer à luz como se dava a iniciação cristã na tradição de Tertuliano no confronto com outros textos do autor emerge a seguinte estrutura²:

1. catecumenato de uma duração não especificada e uma preparação imediata para o batismo;

² A estrutura adotada neste estudo é fornecida por JOHNSON, 1999, p. 61.

2. oração de santificação invocando o Espírito Santo sobre as águas batismais;
3. afirmação de uma renúncia “ao diabo e sua pompa e a seus anjos”, feita previamente, aparentemente, em algum ponto dentro da assembléia “sob o controle do bispo” ou “sua mão” (*sub antitistis manu*);
4. tríplice interrogatório e profissão de fé na água (com “interrogações mais extensas que as prescritas por Nosso Senhor no evangelho”) conectado à tríplice submersão ou imersão;
5. unção pós-batismal com óleo (“crisma”);
6. selo com a cruz;
7. imposição das mãos “pedindo e invocando o Espírito Santo para uma bênção”;
8. Eucaristia, incluindo a recepção “de um composto de leite e mel”.

Para o nosso estudo faremos a distinção entre os ritos pré-batismais (1-3), batismal (4) e pós-batismais (5-8). Esta distinção tem o fim apenas de auxiliar no estudo, pois, como veremos, a Igreja Antiga concebe todo o conjunto como uma única ação litúrgico-sacramental. Tertuliano, de início, acentua a simplicidade do rito: “Nada choca tanto as mentes dos homens quanto o contraste entre a simplicidade das obras... e a magnificência daquilo que é prometido como efeito” (*De Baptismo* 2,1). É nesta perspectiva que veremos como Tertuliano descreve a iniciação cristã no norte da África ocidental.

Os ritos pré-batismais (1-3) e batismal (4) têm função semelhante à do batismo de João. A preparação imediata para o batismo (1) “com orações fervorosas, com jejuns, genuflexões, vigílias e a confissão de todos os seus pecados” tem função anamnética, quer recordar o batismo de João (*De Baptismo* 20,1). Esta preparação imediata é interpretada teologicamente por Tertuliano com o fim de predispor o eleito “para o perdão e a santificação que devia seguir em Cristo” com o batismo “no Espírito e no fogo” (*De Baptismo* 10,5). Como o batismo de João, a preparação imediata para o batismo tem caráter penitencial, não definitivo, mas em vista do batismo que se realizará em

Cristo. Tertuliano conhecia bem a importância do batismo de Jesus por João para a teologia do batismo cristão, mas ele não é o paradigma crucial para o batismo na sua Igreja. É o que nos mostra a lista dos melhores dias para a realização do batismo que Tertuliano nos fornece em *De Baptismo* 19:

O dia mais solene para o batismo é por excelência o dia da Páscoa, em que é consumada a paixão do Senhor, na qual somos batizados [...] Em segundo lugar, o tempo antes de Pentecostes [...] tempo em que o Senhor ressuscitado aparece [...] De resto, todo dia é dia do Senhor. Cada hora, cada tempo pode ser conveniente para o batismo (ZILLES, 1981).

Enquanto em algumas tradições orientais se privilegiava a festa da Epifania do Senhor em 6 de janeiro como a melhor ocasião para o batismo (Cf. JOHNSON, 1999, p. 47-48), no norte da África a ocasião privilegiada era a Páscoa. O ocidente cristão conhecia a teologia do batismo como participação na morte e ressurreição de Jesus que se encontra em Rm 6. Esta teologia se tornaria comum ao oriente e ocidente nos séculos seguintes.

A oração de santificação invocando o Espírito Santo sobre as águas batismais (2) dá à água “o poder de santificar por si” (*De Baptismo* 4,4). A invocação de Deus sobre a água é interpretada por Tertuliano como a vinda do Espírito que dá à água o poder de purificar o eleito que será lavado por esta mesma água. Embora em outros escritos Tertuliano atribua o Espírito Santo ao banho batismal (cf. *De Pudic.* 9,9; *De Anima* 1,4), na obra *De baptismo* afirma que o banho tem o efeito de remissão dos pecados: “Isto não significa que recebemos o Espírito Santo na água. Mas, purificados na água, somos preparados, pelo ministério do anjo, para receber o Espírito Santo” (*De Baptismo* 6,1). Tertuliano vê a tríplice imersão ou submersão nas águas batismais (4) como o momento em que os pecados são perdoados “pela fé consignada no Pai, no Filho e no Espírito Santo” (*De Baptismo* 6,1) para que o “eleito” possa receber o Espírito Santo. Ele compara o papel da Igreja na pessoa do Bispo com o papel de João Batista: “Como João antes foi o precursor do Senhor, preparando seus cami-

nhos, assim o anjo, que preside o batismo, traça caminhos para a vinda do Espírito Santo” (*De Baptismo* 6,1). Embora possa parecer que Tertuliano negue o dom do Espírito Santo ao banho batismal, na contra-mão de toda uma tradição patrística, a sua interpretação torna-se clara se vemos o rito como um todo, como uma única ação litúrgica. Nesta perspectiva as águas do batismo lavam a carne e purificam o espírito (cf. *De Baptismo* 4,5) libertando dos pecados (*De Baptismo* 7,2) para o recebimento do Espírito Santo “quando emerge do banho do batismo” (*De Baptismo* 8,4). Em todo o texto a água tem um importante papel para a teologia da iniciação cristã, toda a exposição de Tertuliano está associada à água, embora dê grande importância à imposição das mãos.

A unção pós-batismal é interpretada por Tertuliano na linha da unção sacerdotal na tradição do Antigo Testamento: “somos unguídos com a unção benta advinda da disciplina antiga, segundo a qual se costumava ser unguído com o óleo para o sacerdócio” (*De Baptismo* 7,1). No NT os cristãos experimentam Jesus como O Ungido por excelência. Jesus recebe o Espírito Santo e é este mesmo Espírito que anima a comunidade (Lc 3,21-22; 4,18-21; At 1,8; 2,33; 10,38). Tertuliano compreende que é a unção o que dá o nome “Cristo”, que significa unguído, a Jesus. “Cristo” é o termo grego equivalente a “messias” no hebraico. Por esta mesma unção Tertuliano atribui o nome “cristão” aos cristãos. Com a unção pós-batismal, que nosso autor não explicita se é realizada sobre a cabeça ou sobre todo o corpo, o recém-batizado é incorporado à condição messiânica, é “ungido no Ungido”³.

Tertuliano associa o recebimento do Espírito Santo à imposição das mãos (7). Fica mais evidente aqui a distinção teológica entre o banho batismal e o dom do Espírito Santo. O banho batismal tem a função de purificação como preparação para o recebimento do Espírito Santo que “voa à terra, isto é, sobre nossa carne quando emerge do banho do batismo purificada de seus antigos pecados” (*De Baptismo*

³ Sobre a unção régia, sacerdotal e profética cf. TABORDA, 2001, p. 193-196.

8,4). Em comparação com as tradições siríacas e egípcias dos séculos II-III esta distinção teológica da Igreja de Cartago é o que diferencia o rito e a interpretação entre as Igrejas Antigas orientais e ocidentais (cf. JOHNSON, 1999, p. 63). Na Igreja da Síria o dom do Espírito Santo é associado à unção pré-batismal como um grande sinal da assimilação a Cristo, que se revelou como Rei-Messias através da vinda do Espírito no evento central de seu batismo no Jordão (WINKLER *apud* JOHNSON, 1999, p. 47. Já na Igreja de Cartago os ritos pré-batismal e batismal são vistos como ritos de purificação em preparação para o recebimento pós-batismal do Espírito Santo. E a imposição tem um papel central. Tertuliano entende a imposição das mãos à luz de Gn 48,14 onde Jacó impõe as mãos “cruzadas” sobre Efraim e Manassés. Tertuliano vê no gesto das mãos “cruzadas” de Jacó a representação da cruz de Cristo (Cf. *De Baptismo* 8,2). A imposição das mãos, gesto de bênção e de transmissão do Espírito no AT, incorpora-se ao batismo cristão como participação no mistério de Cristo com a graça do Espírito Santo (At 8,17). Na teologia de Tertuliano o batismo é entendido na sua íntima relação com o mistério da morte e ressurreição de Cristo. O mistério pascal de Cristo dá sentido único e definitivo ao batismo: “não podendo nossa morte ser destruída sem a paixão do Senhor, nem nossa vida restituída sem a sua ressurreição” (*De Baptismo* 11,4).

O batismo é o ritual pelo qual são feitos os cristãos. O batizado torna-se cristão ao passar pelo “banho santíssimo da regeneração” (Tt 3,5) e receber o Espírito Santo. O rito culmina quando o neófito, “pela primeira vez, estende as mãos junto da mãe e com os irmãos para pedir ao Pai” (*De Baptismo* 20,5). O neófito agora faz parte da família cristã e tem o direito à participação na celebração da comunidade, a eucaristia (8).

2 Iniciação cristã na tradição de Cirilo de Jerusalém

O Bispo Cirilo de Jerusalém (315-387) vive num período que se distingue do tempo de Tertuliano. Cirilo testemunha a importante virada na história da Igreja iniciada por Constantino no ano 313. De perseguido o cristianismo passa a ser tolerado, a ser privilegiado, e em

seguida torna-se a única religião permitida, a religião oficial do Império Romano. Estas mudanças profundas incidem na pastoral e no rito cristão. Um dos principais problemas pastorais que surgiu nesse período se refere ao declínio do catecumenato. O catecumenato que durava em torno de 3 anos passa por transformações que o levará a duração de alguns meses ou ao curto período da quaresma (Cf. *Ibid*, p. 89). Tais mudanças são atribuídas ao aumento do afluxo de pessoas à religião do Império. O crescimento do batismo de crianças também contribuiu para o declínio do catecumenato. Ao mesmo tempo, devido ao rigor da penitência a quem voltasse a pecar depois de ser batizado, surge a prática de deixar para ser batizado no final da vida, prática adotada pelo próprio Imperador Constantino. Os ritos pré-batismais e pós-batismais ganham adereços para lhes dar maior dramaticidade e produzir emoção nos iniciados. Os ritos cristãos são influenciados pelos ritos greco-romanos das religiões de mistério, levando a enfatizar sua áurea mística. Em Jerusalém são identificados os lugares sagrados. Lá é construída a Basílica do Santo Sepulcro, o equivalente a um santuário místico, palco onde se inicia a veneração dos objetos sagrados e onde aparentemente começa a prática da catequese mistagógica (Cf. JOHNSON, 1999, p. 93).

Os que serão iluminados (chamados *photizomenoi*) recebem a Catequese Preliminar (*procatechesis*) e uma série de Catequeses Pré-batismais durante a quaresma, enfocando as Escrituras e o significado do Credo, que se assemelha ao Credo Niceno-constantinopolitano⁴. Na noite da Vigília Pascal recebem o batismo, a crisma e a eucaristia. Somente depois de terem experimentado os sacramentos é que lhes é ensinado o sentido do que viveram naquela noite através das Catequeses Mistagógicas. O próprio Cirilo dá as razões dessa pedagogia:

⁴ Cirilo de Jerusalém vive no período das controvérsias cristológico-trinitárias que ocasionaram os concílios de Nicéia e Constantinopla. Ele se encontra entre os padres conciliares do primeiro Concílio de Constantinopla no ano de 381. O Credo comentado nas Catequeses Pré-batismais de Cirilo é considerado uma jóia preciosa do tesouro teológico da Igreja Antiga. Cf. CIRILO DE JERUSALÉM, 1977, p. 7-11.

Como sei bem que a vista é mais fiel que o ouvido, esperei a ocasião presente para encontrar-vos, depois desta grande noite, mais preparados para compreender o que se vos fala e levar-vos pelas mãos ao prado luminoso e fragrante deste paraíso (*Catequeses Mistagógicas* 1,1).

O nosso estudo se deterá nas *Catequeses Mistagógicas* por constituírem o cerne da iniciação aos sacramentos na tradição de Cirilo de Jerusalém. Um olhar sobre a iniciação cristã na tradição da Igreja da Síria ocidental nos séculos IV e V, à qual pertence Cirilo de Jerusalém, faz emergir a seguinte estrutura:

1. Concentração da preparação (*catechesis*) no tempo da Quaresma dos que serão iluminados;
2. Renúncia (*apotaxis*) a satanás com a mão estendida e voltado para o ocidente;
3. Adesão (*syntaxis*) a Deus Pai, Filho e Espírito Santo, voltado para o oriente;
4. Unção da cabeça;
5. Despojamento das roupas;
6. Unção de todo o corpo com óleo exorcizado;
7. Interrogatório e tríplice imersão;
8. Unção com o *myron* (crisma) na face, nos ouvidos, nas narinas e no peito;
9. Vestimenta das vestes brancas (?);
10. Eucaristia.

A antiguidade cristã nos legou o testemunho de Etéria⁵, uma peregrina espanhola que esteve em Jerusalém no final do episcopado de Cirilo (ca. 381-384). O diário de Etéria nos permite vislumbrar como se dava a iniciação cristã em Jerusalém (cf. JOHNSON, 1999,

⁵ Textos retirados da tradução portuguesa de Maria da Glória Novak direto do original latino. Cf. ETÉRIA. 1971.

p. 97-99). A obra de Cirilo de Jerusalém apresenta o conteúdo dessa catequese na Catequese Preliminar e nas dezoito Catequese Pré-batismas. É o período da *catechesis* (1). A duração da catequese pré-batismal é de sete semanas, três horas por dia. Ao final da sétima semana os catecúmenos são levados um a um pelos padrinhos e madrinhas até o Bispo e professam o Credo. O Bispo encerra dizendo:

Durante estas sete semanas, fostes instruídos inteiramente acerca de toda a Lei das Escrituras e ouvistes também a respeito da fé; também a respeito da ressurreição da carne e de todo o significado do *Symbolum*. Ouvistes o que, embora catecúmenos, pudestes ouvir; mas as palavras concernentes a um mistério mais profundo – o próprio batismo – porque sois ainda catecúmenos, não podeis ouvi-las; e, para que não julgueis que algo se faz sem razão, ouvi-las após o término do ofício na igreja, na *Anástasis*, durante os oito dias pascais quando, em nome de Deus, houverdes sido batizados; porque sois ainda catecúmenos, não vos podem ser revelados os mistérios mais secretos de Deus (*Peregrinação de Etéria* 46,5).

Na Vigília Pascal ocorrem os ritos pré-batismas (2-6), batismas (7) e pós-batismas (8-10). Na semana da Páscoa os recém-batizados vão à *Anástasis* para ouvir sobre os mistérios:

Nesse momento nenhum catecúmeno se aproxima da Basílica, mas tão somente os neófitos e também fiéis que desejam ouvir a respeito dos mistérios aí se encontram: e as portas se fecham para que nenhum catecúmeno possa entrar. E, examinando o Bispo todos esses aspectos e expondo-os, tão alto fazem ouvir os presentes as suas palavras de louvor que, ao longe, fora da igreja, se lhes ouvem os gritos (*Ibid.*, 47,2).

O testemunho da peregrina espanhola nos mostra a intensidade da recepção das Catequeses Mistagógicas pelos neófitos. Cirilo de Jerusalém nos permite conhecer o conteúdo desses ensinamentos nas suas cinco Catequeses Mistagógicas. Nelas se desvelam os ritos da iniciação cristã na Igreja jerosolimitana do século IV e a teologia que lhes subjaz. Os ritos pré-batismais (2-6) se iniciam no adro, espaço junto ao batistério onde os candidatos eram preparados para o batismo. O candidato se volta para o ocidente e é exortado a estender a mão e renunciar a satanás (*Catequeses Mistagógicas* 1,2-8). Em seguida volta-se para o oriente e professa a fé trinitária (*Catequeses Mistagógicas* 1,9). Estes ritos específicos se desenvolveram como demonstração da conversão dos candidatos. Os ritos pré-batismais se seguem como imitação dos eventos salvíficos da Paixão e Morte de Cristo, são imagem ou ícone. O despojamento das vestes dos candidatos (5) é a nudez de Cristo no Calvário: “Despidos, estáveis nus, imitando também nisso a Cristo nu sobre a cruz” (*Catequeses Mistagógicas* 2,2). A unção pré-batimal (6) une o candidato à cruz de Cristo: “Assim, vos tornastes participantes da oliveira cultivada, Jesus Cristo” (*Catequeses Mistagógicas* 2,3). Cirilo reinterpreta a unção pré-batimal como um rito de exorcismo, purificação e preparação para combater ao mal: “O óleo exorcizado... afugenta toda presença das forças adversas... queima e impele os demônios... não só apaga os vestígios dos pecados, mas ainda põe em fuga as forças invisíveis do maligno” (*Catequeses Mistagógicas* 2,3).

A teologia dominante para a interpretação do batismo (7) na Igreja de Jerusalém é a de Romanos 6:

Fostes conduzidos pela mão à santa piscina do divino batismo, como Cristo da cruz ao sepulcro que está à vossa frente. A cada qual foi perguntado se cria no nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. E fizestes a profissão salutar, e fostes imersos três vezes na água e em seguida emergistes, significando também com isso, simbolicamente, o sepultamento de três dias de Cristo (*Catequeses Mistagógicas* 2,4).

O batismo não é visto por Cirilo apenas no seu caráter de purificação para o recebimento pós-batistal do Espírito Santo. É entendido como participação nos sofrimentos de Cristo, o que confere ao batizado a graça da adoção à filiação divina (*Catequeses Mistagógicas* 2,6). Na sua Segunda Catequese Mistagógica Cirilo deixa entrever com admiração a densidade dessa teologia:

Oh! Fato estranho e paradoxal! Não morremos em verdade, não fomos sepultados em verdade, não fomos crucificados e ressuscitados em verdade. A imitação é uma imagem; a salvação, uma verdade. Cristo foi crucificado, sepultado e verdadeiramente ressuscitou. Todas estas coisas nos foram agraciadas a fim de que, participando, por imitação, de seus sofrimentos, em verdade logremos a salvação. Oh! Amor sem medida! Cristo recebeu em suas mãos imaculadas os pregos e padeceu; a mim, sem sofrimento e sem pena, concede graciosamente por esta participação a salvação (*Ibid.*, 2,5).

A unção pós-batistal (8) é o selo da graça do Espírito Santo em imitação ao batismo de Jesus no Jordão. A introdução da unção com o *myron* (óleo do crisma) marca o recebimento do dom do Espírito Santo na unção pós-batistal. Cirilo é a primeira testemunha dessa unção na tradição siríaca. Nos primeiros séculos da Igreja siríaca o dom do Espírito Santo era conferido na unção pré-batistal com a predominância da teologia do “novo nascimento” de João 3. Cirilo encontra-se assim numa fase de transição e desenvolvimento dos ritos de iniciação cristã (cf. JOHNSON, 1999, p. 107-108). Nessa fase as duas teologias, a de Romanos 6 e a do “novo nascimento” em João 3 convivem juntas, estão teologicamente conectadas. A adoção filial conferida no batismo e selada com a unção pós-batistal é o que permite ao batizado o título de cristão: “Feitos, pois, partícipes de Cristo, não sem razão, sois chamados cristos” (*Catequeses Mistagógicas* 3,1); “feitos dignos dessa unção, sois chamados cristãos” (*Catequeses Mistagógicas* 3,5). A unção com o *myron* confere os dons que movem o cristão no seguimento de Cristo: é libertação, predispõe à escu-

ta da Palavra, possibilita ser o bom odor de Cristo, dá força para resistir ao mal (*Catequeses Mistagógicas* 3,4).

Não há nas *Catequeses Mistagógicas* de Cirilo a explicitação do rito da vestimenta das vestes brancas (9). Isto se deve ao fato de que é um rito comum e por isso não necessita ser citado para os seus ouvintes. Porém, Cirilo fala do significado espiritual do gesto na sua relação com a nova realidade vivida pelo recém-batizado:

Tendo despido as velhas vestes e revestido espiritualmente a veste branca, é necessário estar sempre vestido de branco... a fim de dizeres com o bem-aventurado Isaiás: “Com grande alegria me rejubilei no Senhor, porque me fez revestir a vestimenta da salvação e me cobriu com a túnica da alegria” (*Catequeses Mistagógicas* 4,8).

A quarta *Catequese Mistagógica* se dedica à eucaristia (10). Acentua o caráter mistérico do pão e do vinho: “dos quais tendo sido julgados dignos, vos tornastes concorpóreos e consangüíneos com Cristo” (*Catequeses Mistagógicas* 4,1). A participação na eucaristia completa a iniciação cristã com a participação na natureza divina: “Assim nos tornamos portadores de Cristo (*crístóforos*) [...] como diz o bem-aventurado Pedro, ‘tornamo-nos partícipes da natureza divina’” (*Catequeses Mistagógicas* 4,2). O coroamento da iniciação cristã nas *Catequeses Mistagógicas* de Cirilo de Jerusalém se dá na Celebração Eucarística (*Catequeses Mistagógicas* 5). Depois de experimentar a graça da incorporação a Cristo através da participação na sua morte e ressurreição no batismo-crisma-eucaristia, o neófito é digno de participar da Celebração Eucarística e de conhecer “tamanhos mistérios”.

3 Iniciação cristã na tradição de Ambrósio

Ambrósio (339-397) encontra-se no mesmo contexto histórico e cultural da virada constantiniana delineado anteriormente. No ano 374 Ambrósio é eleito bispo de Milão, uma das mais importantes metrópoles do Império, localizada no norte da Itália. Ambrósio de Milão

nos apresenta duas catequese mistagógicas datadas entre os anos 380 a 390: *De Sacramentis* e *De Mysteriis*. Ambrósio é considerado um testemunho credenciado dos ritos de iniciação da Igreja romana de seu tempo. É um grande conhecedor e propagador desses ritos e reflete um último estágio do desenvolvimento dos ritos de iniciação cristã da Igreja de Roma (cf. *Ibid.*, p. 140). Os escritos de Ambrósio deixam entrever que a Igreja de Milão de sua época segue os costumes da Igreja de Roma quanto aos ritos de iniciação cristã, embora Ambrósio tenha a liberdade de introduzir novidades.

Para delinear a estrutura da iniciação cristã na tradição ambrosiana confrontamos os escritos de Ambrósio com a estrutura da iniciação cristã em Roma apresentada por Maxwell E. Johnson (1999, p. 133) e vimos emergir a seguinte estrutura:

1. Inscrição no catecumenato de um período não especificado e eleição para o batismo, com a preparação final dos eleitos ou *competentes* durante os quarenta dias da Quaresma, onde são realizados três “escrutínios”;
2. Mistérios de abertura com o rito do *Éfeta*;
3. Unção pré-batismal;
4. Renúncia ao diabo e a suas obras voltando-se para o Oriente;
5. Exorcismo e oração do Bispo sobre a água invocando a Trindade;
6. Tríplice profissão de fé e tríplice imersão;
7. Unção no alto da cabeça com o crisma, associado com o sacerdócio de Cristo;
8. Leitura do Evangelho de João 13 e *pedilavium*;
9. Vestimenta das vestes brancas;
10. Selo espiritual (consignação) e citação de uma oração associados com os dons do Espírito Santo;
11. Participação na eucaristia.

A carência de evidências sobre todo o processo catecumenal nos escritos de Ambrósio dificulta estabelecermos a duração do catecumenato na Igreja de Milão. Sabemos que no catecumenato realizam-se ritos como a imposição do sal abençoado, seguido de um

período de instrução, durante o qual se realizam com frequência ritos de exorcismo e insuflação. Já a preparação final dos eleitos, chamados *competentes*, se dá durante os quarenta dias da Quaresma. Ambrósio faz uma referência a essa preparação final:

Demos, dia por dia, instruções sobre a moral por ocasião da leitura da história dos Profetas ou das máximas dos Provérbios. Nossa finalidade era formar-vos e preparar-vos para que vos dispusésseis a entrar pela senda de nossos antepassados, seguindo-lhes o caminho e obedecendo aos desígnios de Deus (*Os Mistérios* 1).

São realizados três “escrutínios” que correspondem ao terceiro, quarto e quinto domingos da Quaresma. Recitam-se diversas orações sobre os *competentes* seguidas da bênção, após da qual eles se retiram. A *traditio symboli* tem lugar no Domingo de Ramos e a oração do Pai Nosso é entregue somente depois de completada a iniciação cristã.

Os ritos pré-batismais (2-4) se iniciam com os mistérios da abertura (2). O Bispo toca os ouvidos e narinas dos *competentes* em referência à cura do surdo-mudo no Evangelho (Mc 7,31-37). Ambrósio interpreta o rito como sinal da abertura dos sentidos para o recebimento da graça do batismo:

No Evangelho, Nosso Senhor Jesus Cristo [...] exclamou então: *Effetha!*, palavra hebraica que significa: ‘Abre-te!’ Foi por isso que o Bispo tocou teus ouvidos, para que eles se abrissem à palavra e à alocação do Bispo. [...] Por que as narinas? Para perceberes o fino odor da bondade eterna [...] e ainda para que haja em ti total irradiação perfumada da fé e devoção (*Os Sacramentos* 1,2-3).

Ao longo de suas catequese mistagógicas Ambrósio insiste muito nos sentidos da audição (cf. *Os Sacramentos* 1,2; 3,4.11; 5,1.12; *Os Mistérios* 3) e visão (cf. *Os Sacramentos* 1,4.6.9.10.15; 2,16.24; 3,11.12.15; 4,18; *Os Mistérios* 6.8.15.44). Em *Os Sacramentos* 1,10 Ambrósio justifica a sua insistência na atenção aos sentidos fundamentando-se em São Paulo: “Viste o que pudeste ver com os olhos do

corpo e os olhares humanos. Não viste, porém, o que se produziu, apenas o que aparece. As coisas que não se vêem são muito maiores que as que se vêem, ‘porque as que se vêem são temporais, as que não se vêem, porém, eternas’” (2cor 4,18). Por isso Ambrósio inicia a obra *Os Sacramentos* colocando em evidência a necessidade da fé. Somente com a fé podemos “ver” e assim, tornarmo-nos “homens de fé”. A fé é anterior ao batismo. Deus nos oferece a sua graça e conta com a adesão pessoal. O batismo é então sinal ao mesmo tempo da fé e da salvação oferecida por Deus à humanidade. Ambrósio conclui: “Recebestes o batismo, tendes fé” (*Os Sacramentos* 1,1).

Destaca-se nesses escritos de Ambrósio a plasticidade com que trata o rito: “Chegamos à fonte. Entraste. Foste ungido” (*Os Sacramentos* 1,4). Com essas poucas palavras o mistagogo recria todo o clima vivido no dia anterior. O seu auditório, composto exclusivamente de neófitos, reaproxima-se da fonte e pode saborear no seu imaginário os sinais e gestos que vivenciaram no batismo. Ao longo das catequeses Ambrósio insiste no ritmo das ações no rito (cf. *Os Sacramentos* 1,4.9.10; 2,14.16.24; 3,4.11; 4,5.7.8; 5,5.12.13; *Os Mistérios* 4.28.29.31.43). Ele continua: “Considera a quem viste, pensa no que disseste e recorda com exatidão o que aconteceu. Um levita te acolheu; acolheu-te um presbítero. Foste ungido como atleta de Cristo” (*Os Sacramentos* 1,4). Trata-se da unção pré-batismal (3). A imagem evoca a unção do corpo todo como no oriente (cf. CIRILO DE JERUSALÉM, *Catequeses Mistagógicas* 2,3). O eleito é ungido para a luta contra o mal presente no mundo.

Em seguida há a renúncia ao diabo e às suas obras (4). Ambrósio fala do rito da renúncia no qual o eleito se volta para o Oriente, que é o Cristo (cf. *Os Mistérios* 7). A fórmula se refere à renúncia ao diabo e às suas obras, ao mundo e a seus prazeres (cf. *Os Sacramentos* 1,5). Ambrósio recomenda o empenho a manter a promessa como quando se assinam promissórias. A promessa é feita diante dos *anjós*, ou seja, do levita, dos ministros de Cristo que servem no altar. Por isso é preciso prudência para guardar a caução, a promessa, cuja “letra assinada não é guardada na terra, mas no céu”.

Nos ritos batismais (5-7) da tradição ambrosiana há traços da antiga interpretação do batismo como “novo nascimento” e tam-

bém da interpretação que se tornara predominante nos séculos IV e V, do batismo como participação no mistério da morte e ressurreição de Cristo. Ao expor o rito do exorcismo e oração do Bispo sobre a água (5) Ambrósio fala da relação entre o ato e a eficácia do sacramento: “Tu viste a água. Ora, nem toda a água cura. Tem poder de curar a que possuir a graça de Cristo. Uma coisa é o elemento; outra, a santificação. Uma coisa é o ato; outra a eficácia. O ato é da água. A eficácia, do Espírito Santo” (*Os Sacramentos* 1,15). A água do batismo tem eficácia porque é santificada pela Trindade. O Bispo diz a oração e invoca o nome do Pai, a presença do Filho e do Espírito Santo (cf. *Os Sacramentos* 2,14). Ambrósio recorda o evento do batismo de Jesus para falar da presença santificadora da Trindade: “desceu Cristo para a água e o Espírito Santo baixou como pomba. Também o Pai, por sua vez, falou do céu. Estás, aí, em presença da Trindade” (*Os Sacramentos* 1,19). Em *Os Mistérios* 14 se refere à consagração da água pelo mistério da Cruz do Senhor: “o Bispo deita nesta fonte o anúncio da Cruz do Senhor e a água se torna potável para a graça”. Podemos ver aqui conjugadas as teologias da “regeneração” fundamentada em João 3,5 e da participação na morte e ressurreição de Cristo fundamentada em Romanos 6. Neste sentido Ambrósio desenvolve toda uma doutrina da Graça que perpassa toda a história da salvação cujo fim é a redenção do ser humano através da incorporação à morte e ressurreição de Jesus nos sacramentos de iniciação cristã (cf. *Os Sacramentos* 2,16-19). Ambrósio conclui assim: “a fonte é como que uma sepultura”.

O Batismo (6) tem a forma do tríplice interrogatório e profissão de fé com a tríplice imersão. A fórmula ambrosiana salienta a incorporação à morte e ressurreição de Cristo ao fazer menção à Cruz: “Novamente perguntaram-te: Crês em Nosso Senhor Jesus Cristo e em sua cruz?” (*Os Sacramentos* 2,20). Ambrósio cita explicitamente Romanos 6,3: “Exclama, por isso, o Apóstolo, como acabais de ouvir na leitura: ‘Quem quer que seja batizado é batizado na morte de Jesus’” (*Os Sacramentos* 2,23). A imersão é participação na morte e sepultura de Cristo: “És, portanto, crucificado. Prendes-te ao Cristo” (*Os Sacramentos* 2,23). Emergir da água do batismo é participar da ressurreição de Cristo: “quem está sepultado com Cristo, com Ele ressurge” (*Os Sacramentos* 2,20).

Os ritos batismais terminam com a unção sobre a cabeça (7). Essa unção com o crisma pertence aos ritos batismais por estar associada á ressurreição. Ambrósio interpreta a sua eficácia como regeneração porque é uma unção feita sobre a cabeça, onde reside o sentido do homem sábio. Se fundamenta na citação nos Atos Apóstolos do Salmo 2: “És meu filho, hoje te gerei” (At 13,33) interpretada como a voz do Pai que se fez ouvir quando o Filho ressuscitou da morte. O mesmo acontece no batismo (cf. *Os Sacramentos* 3,2). No escrito sobre os mistérios Ambrósio associa essa unção no alto da cabeça com o sacerdócio de Cristo. O batizado é ungido para incorporar-se ao sacerdócio régio de Cristo (cf. *Os Mistérios* 29-30).

Aos ritos pós-batismas (8-11) Ambrósio insere o rito do Lava-pés, o *Pedilavium* (8). Como vimos, os escritos de Ambrósio deixam entrever que a Igreja de Milão segue os costumes da Igreja de Roma quanto aos ritos de iniciação cristã. Porém, Milão realiza o rito do Lava-pés, que Ambrósio justifica com base no próprio apóstolo Pedro: “Seguimos ao próprio apóstolo Pedro. É a seu favor que aderimos. [...] ele que foi bispo da Igreja romana” (*Os Sacramentos* 3,6). O rito do Lava-pés é interpretado por Ambrósio com um duplo sentido teológico. Ele contribui para a regeneração e é sinal de humildade. O batismo extingue os pecados pessoais, o Lava-pés tira os pecados por herança: “Pedro estava puro, mas tinha que lavar os pés; pois havia nele o pecado que vem da sucessão do primeiro homem, na hora em que a serpente o suplantou e o induziu ao erro. É por isso que se lavam os pés” (*Os Mistérios* 32). Ao mesmo tempo o rito é sinal de fé e humildade. Após a recusa de Pedro em deixar lavar os seus pés, o Mestre o advertiu. Pedro então, demonstrando fé, quis lavar não só os pés, mas também as mãos e a cabeça (cf. Jo 13,9). Em *Os Mistérios* 33 Ambrósio diz: “tal mistério se realiza pelo mistério da humildade. Pois disse Jesus: ‘Se eu vos lavei os pés, eu que sou o Senhor e Mestre, quanto mais então vós deveis lavar-vos uns aos outros’ (Jo 13,14)”.

“Recebeste em seguida vestes brancas, como sinal de que havias despido o invólucro dos pecados, para te revestires dos trajes puros da inocência” (*Os Mistérios* 34). Assim Ambrósio se refere ao rito da Vestimenta das vestes brancas (9), que está ligado às profecias das Escrituras e à Ressurreição de Cristo (cf. Sl 50,9; Ex 12,22; Is

1,18; Mt 17,2). O mistagogo faz um longo discurso em *Os Mistérios* 35-41 utilizando-se de textos da Escritura, especialmente do Cântico dos Cânticos, para falar da brancura das vestes após o banho da regeneração como sinal de incorporação à Cristo e à Igreja.

É preciso ainda o Selo Espiritual, a consignação (10). Ambrósio interpreta que se dá aqui o aperfeiçoamento após a descida à fonte. “Dá-se ela na hora em que é infundido o Espírito Santo, ao ser invocado pelo Bispo o espírito de sabedoria e inteligência, o espírito de conselho e de força, o espírito do conhecimento e da piedade, o espírito do santo temor” (*Os Sacramentos* 3,8-9). Não existe aqui, nem em *Os Mistérios* 41-42, alusão a uma unção que acompanhasse o dom do Espírito. Os estudiosos entendem o rito como uma simples consignação (Cf. AMBRÓSIO DE MILÃO, 1972, p. 43, nota 88.)

A participação na eucaristia (11) é onde culminam os ritos de iniciação cristã:

Tu foste. Tu te lavaste. Chegaste ao altar. Começaste a ver o que antes não havias visto, quer dizer: pela fonte do Salvador e pela pregação da Paixão do Senhor, se te abriram os olhos. Tu, que anteriormente parecias cego de coração, te puseste a ver a luz dos sacramentos (*Os Sacramentos* 3,15).

Baseado em Jo 9,6-7 Ambrósio considera o batismo como iluminação. Os neófitos, renovados pelas águas do batismo chegam agora admirados ao altar: “Tu te aproximaste do altar. Voltaste tua atenção para os sacramentos depositados sobre o altar e te encheste de admiração diante desta mesma criatura (*Os Sacramentos* 4,8). Ambrósio dedica grande parte de seus escritos para mostrar aos neófitos o quanto o mistério cristão preexiste figurativamente no Antigo Testamento (cf. *Os Sacramentos* 4,11; *Os Mistérios* 44); O maná do deserto é figura da Eucaristia (cf. *Os Sacramentos* 4,9.24; *Os Mistérios* 47-49); O sacerdócio de Melquisedeque é figura do sacerdócio de Cristo (cf. *Os Sacramentos* 4,10.12; 5,1; *Os Mistérios* 45-46); Cristo é o autor dos sacramentos (cf. *Os Sacramentos* 4,13) por sua palavra criadora (cf. *Os Sacramentos* 4,14-15.18-19. 21-23; 5,3; *Os Mistérios* 50.54), pelo vinho que é o Sangue de Cristo (cf. *Os Sacra-*

mentos 4,20; 5,2.5-17), pelo memorial deixado pelo Senhor (cf. *Os Sacramentos* 4,26.28) no qual rerepresentamo-nos à paixão, morte, ressurreição e ascensão de Cristo (cf. *Os Sacramentos* 4,27), pela água misturada ao vinho que é a água do lado de Cristo aberto pela lança prefigurada na água que saiu da rocha no deserto para saciar o Povo de Deus (cf. *Os Sacramentos* 5,3).

O final do capítulo 5 e o capítulo 6 de *Os Sacramentos* são dedicados ao ensino da oração: “Levanta, pois, os olhos ao Pai que te gerou pelo batismo, ao Pai que te resgatou pelo Filho e diz: ‘Pai Nosso’” (*Os Sacramentos* 5,19). O mistagogo instrui os neófitos sobre a oração do Pai Nosso, petição por petição, e dá instruções práticas para uma vida de oração.

4 Estrutura teológica dos sacramentos de iniciação cristã na Igreja Antiga

O estudo dos sacramentos de iniciação cristã nas catequeses de Tertuliano, Cirilo de Jerusalém e Ambrósio de Milão nos ajuda a perceber qual é o cerne da estrutura teológica desses sacramentos na Igreja. O primeiro dado que emerge da leitura atenta destas obras é a unidade teológica batismo-crisma-eucaristia. Os Padres da Igreja antiga vêem os sacramentos de iniciação cristã como uma única ação litúrgico-sacramental. Na Igreja antiga esses ritos culminam em uma única ocasião, preferencialmente na vigília pascal, onde o eleito é batizado, crismado e participa pela primeira vez da eucaristia.

Para o nosso estudo fizemos a distinção entre os ritos pré-batismais, batismais e pós-batismais. Para Tertuliano os ritos pré-batismais e batismais preparam o eleito purificando-o para o recebimento pós-batismal do Espírito Santo. Já para Cirilo de Jerusalém e Ambrósio de Milão os ritos pré-batismais e batismais não são vistos apenas no seu caráter de purificação, mas como participação nos sofrimentos de Cristo, o que confere ao batizado a graça da adoção à filiação divina (Cf. *Catequeres Mistagógicas* 2,6; *Os Sacramentos* 2,16-23). Os ritos pós-batismais selam essa adoção filial conferida no batismo. O neófito recebe o título de cristão e é movido ao seguimento de Cristo pela força do Espírito Santo (cf. *Catequeses Mistagógicas*

3,1-5). A participação na eucaristia é onde culmina a iniciação cristã. O neófito, ao participar da mesa do pão e do vinho, torna-se concorpóreo e consangüíneo com Cristo. É agora *crístóforo*, portador do Cristo (Cf. *Catequeses Mistagógicas* 4,2).

A teologia predominante nos sacramentos de iniciação cristã na Igreja antiga é a teologia da participação nos mistérios da paixão, morte e ressurreição de Cristo, teologia de Romanos 6. Essa teologia está teologicamente conectada à teologia de João 3, do novo nascimento. Cirilo de Jerusalém é testemunha da transição que se deu na Igreja da Síria da teologia de João 3 para a teologia predominante de Romanos 6 (Cf. JOHNSON, 1999, p. 107-108). Usando a distinção feita por Pe. Tabora (Cf. 1990) podemos dizer que os sacramentos de iniciação cristã *reapresentam* o eleito a um único *fato valorizado* através de várias *expressões significativas*. Ao ser batizado o eleito é reapresentado ao *evento fundador* que é a morte e ressurreição de Jesus. Passar pelas águas da fonte batismal é morrer e ressuscitar com Jesus (Cf. *De Baptismo* 11,4; *Catequeses Mistagógicas* 2,5; *Os Sacramentos* 2,20; 4,26-28) Os ritos de iniciação cristã são *expressões significativas* do único *fato valorizado* que é a adoção filial do eleito que se torna Cristo no Cristo.

O estudo dos sacramentos de iniciação cristã na Igreja antiga suscita a seguinte questão: A condensação destes ritos numa única ação litúrgico-sacramental contribui ou dificulta a assimilação do mistério celebrado por parte dos neófitos? A pedagogia dos Padres da Igreja antiga ilumina esta questão. Valoriza-se muito mais a experiência vivida pelo neófito no rito sacramental que o significado conceitual do sacramento. O eleito primeiro vivencia a experiência sacramental para depois ser instruído sobre o mistério que ele já vivenciou. O neófito não é instruído sobre conceitos hipotéticos, mas sobre uma experiência concreta vivida por ele na noite pascal. Não ouve elucubrações sobre Deus ou sobre a fé, mas é levado aos mesmos sentimentos vividos na noite batismal onde fora imerso em fortes símbolos. Primeiro é tocado, afeccionado em todos os seus sentidos, depois busca o significado.

Essa densidade sacramental é provocada pela riqueza de símbolos e gestos litúrgicos dos sacramentos de iniciação cristã. A riqueza dos símbolos e gestos se dá pela importância do *fato valorizado* na

vida do eleito e na vida da Igreja. A série de ritos pré-batismais, batismais e pós-batismais contribuem para uma experiência forte do mistério celebrado. O caráter misterioso da Igreja antiga também coopera para a densidade dos ritos de iniciação cristã. Somente depois de passar pelas águas do batismo o neófito pode contemplar “tamanhos mistérios”. Isto cria toda uma atmosfera de expectativa pelo novo e os ritos remetem a essa expectativa por se tratar de uma nova realidade a ser vivida. A pedagogia das catequeses mistagógicas da Igreja antiga é para nós, sobretudo hoje, na cultura eletrônica audiovisual, onde o apelo dos sentidos é explorado ao máximo, uma grande oportunidade para a catequese.

Referências

AMBRÓSIO DE MILÃO, Santo. **Os sacramentos e os mistérios**. Petrópolis: Vozes, 1972.

CIRILO DE JERUSALÉM, Santo. **Catequeses mistagógicas**. Petrópolis: Vozes, 1877.

ETÉRIA. **Peregrinação de Etéria**: liturgia e catequese em Jerusalém no Século IV. Petrópolis: Vozes, 1971.

JOHNSON, Maxuell E. **The rites os christian initicatin**: their evolution and interpretation. Collegeville Minesota: The Liturgical Press, 1999.

TABORDA, Francisco. **Nas fonts da vida cristã**: uma teologia do batismo-crisma. São Paulo: Loyola, 2001.

_____. **Sacramentos, práxis e festa**: para uma teologia latino-americana dos sacramentos. Petrópolis: Vozes, 1990.

ZILLES, Urbano. **O sacramento do batismo segundo Tertuliano**. Petrópolis: Vozes, 1981.